Categorias: Educação sobre a morte,

Categorias: ,,

Japão

No Japão, existem várias práticas de educação sobre a morte, comumente chamadas de “Educação sobre a morte”, “Educação sobre a preparação para a morte”, “Inochi Educação” e “Educação para a vida e a morte”. Neste guia, nós nos referimos a elas coletivamente como “Educação para a Vida e a Morte”. Esse campo pode ser amplamente categorizado em três correntes principais: (1) Educação sobre a morte em ambientes de cuidados paliativos e hospice, (2) “Educação sobre a preparação para a morte” proposta por Alphons Deeken e (3) Educação sobre a vida e a morte na escola. Como essas práticas surgiram a partir do crescente foco na “morte” na sociedade japonesa durante as décadas de 1970 e 1980, primeiro analisamos o surgimento de estudos interdisciplinares sobre a morte no Japão, conhecidos como “Shiseigaku” (Estudos sobre a Morte e a Vida), como pano de fundo da Educação para a Vida e a Morte. Em seguida, apresentamos uma visão geral dessas três principais correntes, seguida de uma introdução às práticas relacionadas nas comunidades locais e na sociedade civil.

O surgimento dos estudos sobre morte e vida

Nas décadas de 1960 e 1970, uma série de estudos com foco na “morte” surgiu em todo o mundo. Entre eles, a literatura mais influente foram os escritos pioneiros de C. Saunders sobre cuidados paliativos (iniciados em 1958) e o livro de E. Kübler-Ross *Sobre a morte e o morrer* (1969). Além disso, trabalhos importantes como o de G. Gorer *Death, Grief, and Mourning in Contemporary Britain (Morte, tristeza e luto na Grã-Bretanha contemporânea)* (1965), V. Jankélévitch’s *A Morte (La Mort)* (1966), de V. Jankélévitch, e o ensaio *Ensaio sobre a história da morte no Ocidente (Essais sur l’histoire de la mort en Occident), de Ph. Ariès* (1975) foram publicados. Essas obras, quando traduzidas para o japonês nas décadas de 1970 e 1980, tiveram um impacto profundo e contribuíram para o surgimento do “Shiseigaku” (estudos sobre morte e vida) no Japão.

Em 1977, alguns médicos japoneses de cuidados domiciliares visitaram o St. Christopher’s Hospice em Sydenham, Londres – fundado por Dame Cicely Saunders em 1967 – e, posteriormente, introduziram as práticas de cuidados domiciliares no Japão. Nesse mesmo ano, foi criada a “Associação Japonesa de Pesquisa Clínica sobre Morte e Morrer”, reunindo especialistas multidisciplinares e a sociedade civil. Esse impulso levou à fundação de várias organizações importantes, incluindo a Sociedade Japonesa de Cuidados Paliativos e Domiciliares (1992), a Sociedade Japonesa de Tanatologia Clínica (1995), a Sociedade Japonesa de Medicina Paliativa (1996) e a Sociedade Japonesa de Cuidados no Fim da Vida (2016).

Em 1993, a Universidade Toyo Eiwa criou o primeiro curso universitário do Japão focado em Shiseigaku (estudos sobre morte e vida). Em seguida, em 2002, a Universidade de Tóquio lançou um projeto de pesquisa intitulado *Construção do Shiseigaku*. Desde então, várias universidades, incluindo a Sophia University e a Tohoku University, também criaram departamentos dedicados ao Shiseigaku.

Nos últimos anos, a colaboração internacional nesse campo cresceu. Um exemplo notável é o projeto de pesquisa conjunta entre o Reino Unido e o Japão *Cuidados no final da vida no Reino Unido e no Japão: Intersecções em cultura, prática e política* (também conhecido como projeto MITORI, 2018-2020), liderado pelo Prof. David Clark (Universidade de Glasgow) e pelo co-pesquisador Prof. Hirobumi Takenouchi (Universidade de Shizuoka).

Educação sobre vida e morte no Japão

1) "Educação sobre a morte" em cuidados paliativos e hospitalares

No Yodogawa Christian Hospital, uma abordagem de equipe '*Cuidados organizados com o paciente moribundo*' foi iniciado em 1973. Nesse programa de cuidados paliativos, médicos, enfermeiros, assistentes sociais, psiquiatras e pastores formam uma equipe para oferecer cuidados a pacientes terminais com câncer. Em 1981, a primeira ala de cuidados paliativos no Japão foi estabelecida no Seirei Mikatahara Hospital, seguida pelo Yodogawa Christian Hospital em 1984.

A educação para a morte precoce desenvolveu-se juntamente com o movimento hospice, influenciado pelos trabalhos de Saunders e Kübler-Ross. No Japão do pós-guerra, as mortes em hospitais continuaram a aumentar, ultrapassando as mortes em casa no final da década de 1970. Como resultado, a "morte" foi desconectada da vida cotidiana e passou a ser vista como algo a ser evitado. Dentro dessa cultura de negação da morte, a tendência ao tratamento centrado no hospital e que prolonga a vida ficou mais forte. Em resposta, o médico de cuidados paliativos Akio Yamazaki levantou questões sobre o "tabu em torno da morte" e a "morte hospitalar" em seu livro *Morrendo no hospital* (1990). Ele defendeu a mudança para o atendimento domiciliar, e o livro causou repercussão social e foi transformado em filme em 1993.

Nesse contexto, a importância da educação sobre a morte para os pacientes e suas famílias tem sido enfatizada nos cuidados paliativos e hospice. De acordo com Atsushi Kawagoe, um médico de cuidados paliativos, a educação sobre a morte significa "a educação necessária para que as pessoas façam suas próprias escolhas sobre como viver no final de suas vidas". Os profissionais médicos apoiam o paciente na aceitação de sua morte iminente, compartilhando-a com os membros da família e tomando decisões por conta própria. Como parte desse processo, eles têm apoiado os pacientes e suas famílias a se comunicarem, a consertarem o relacionamento quando necessário e a aconselharem a família sobre os cuidados de enfermagem e os cuidados no fim da vida.

Como visto acima, os cuidados paliativos e hospice no Japão se desenvolveram em estreita conexão com o cristianismo, mas houve outra corrente que se desenvolveu em conexão com o budismo.

Em 1985, Hitoshi Tamiya, da seita Jodo Shinshu (a Verdadeira Terra Pura), propôs a ideia de "Vihara", um termo sânscrito que significa "local de descanso" ou "monastério", para se referir ao local de cuidados terminais dentro do contexto budista. Em 1987, a Buddhist Hospice Association foi criada no Buddhist Information Center em Tóquio, e o Templo Honganji da seita Jodo Shinshu lançou o movimento Vihara. Desde então, "Vihara" se tornou um termo budista equivalente a "hospício" e foi adotado por muitos hospitais e instalações budistas, incluindo o Hospital Nagaoka Nishi. Várias abordagens foram desenvolvidas não apenas no tratamento do fim

da vida, mas também nos campos da educação sobre a vida e a morte e do tratamento do luto.

2) “Educação sobre a preparação para a morte”, de Alphons Deeken

Alphons Deeken foi um padre jesuíta nascido na Alemanha. Enquanto estudava na Berchmans-Kolleg, na Alemanha, ele trabalhou como voluntário em um hospital, onde conheceu um paciente terminal de câncer que havia fugido da Alemanha Oriental. Esse encontro o levou a começar a explorar o tema da morte por toda a vida. Posteriormente, ele escreveu uma tese de mestrado sobre a doutrina das virtudes de Tomás de Aquino e recebeu o título de Mestre em Filosofia pela mesma universidade. Em 1959, ele veio para o Japão e apresentou uma tese de mestrado sobre a ética de Tetsur? Watsuji à Escola de Pós-Graduação em Teologia da Universidade de Sophia, onde recebeu o título de mestre em teologia. Mais tarde, ele concluiu sua tese de doutorado sobre a filosofia moral de Max Scheler nos Estados Unidos, obtendo o título de doutor pela Fordham University. Outras influências ideológicas sobre Deeken incluem Gabriel Marcel, Karl Rahner e Mary Aikenhead.

Com essa formação filosófica e teológica, Deeken desenvolveu a “Educação sobre a preparação para a morte” em suas aulas de filosofia na Sophia University (1977-2002). Enfrentar a morte significa reexaminar como vivemos a própria vida e, por meio disso, somos levados à percepção de que é possível viver plena e significativamente até o fim. Portanto, devemos promover uma educação que incentive as pessoas a refletir sobre como viver suas vidas até a morte.

Em novembro e dezembro de 1982, ele organizou um seminário público sobre vida e morte, que levou à criação da “Associação para Reflexão sobre Vida e Morte” em março de 1983. Essa associação estabelece três objetivos: (1) promover a “educação sobre a preparação para a morte”, (2) melhorar os cuidados no final da vida e apoiar o movimento de cuidados paliativos e (3) criar espaços onde as pessoas que passaram pelo luto pudessem compartilhar suas experiências. O movimento recebeu uma forte resposta; em 1996, somente em Tóquio, o número de membros ultrapassava 1.500, e 35 filiais foram estabelecidas em todo o Japão, realizando reuniões regulares de trabalho de luto.

Em abril de 2005, ocorreu o acidente de descarrilamento do trem da Linha Fukuchiyama, que matou 107 passageiros e o motorista e feriu 562 pessoas. Esse trágico acidente chamou a atenção de todos para as questões de “luto” e “cuidado com o luto” na sociedade japonesa. Em resposta à crescente necessidade, o Institute of Grief Care foi criado em 2009 na University of St. Thomas (cidade de Amagasaki, província de Hyogo), graças ao esforço dos membros da Hyogo Association for Life and Death Reflection. Posteriormente, o Instituto foi transferido para a Universidade Sophia.

(3) Prática em educação escolar

A “educação sobre a preparação para a morte” não é muito difundida na educação escolar. Houve tentativas excepcionais de implementar a educação sobre a vida e a morte com base no currículo da Associação Hyogo para a Reflexão sobre a Vida e a Morte, incluindo as práticas de Haruhiko Furuta na Kwansei Gakuin High School. No entanto, em geral, a educação sobre a preparação para a morte está sujeita a vozes críticas no campo da educação que perguntam:

“Podemos nos preparar para a morte?” e “Podemos ensinar a morte?” De acordo com um estudo (2018), os professores que se opõem às aulas sobre a morte tendem a evitar o tópico e o pensamento da morte em suas vidas diárias. Para começar, a palavra “morte” não é encontrada na Lei Fundamental da Educação e na Lei de Educação Escolar do Japão, enquanto a palavra “vida” aparece. Nas diretrizes curriculares das escolas de ensino fundamental, médio e superior, a “vida” é mencionada nas disciplinas de educação moral e ciências, mas não há nenhuma menção à “morte”. Somente no currículo da escola de enfermagem aparece o termo “estágio terminal”.

Na educação escolar japonesa, diante desse cenário, a educação sobre a vida e a morte é realizada enfatizando a importância da vida e da educação emocional. Vamos apresentar duas práticas educacionais representativas.

Uma é a “Educação de *Inochi*“, proposta por Sadako Tokumaru, professora da Universidade de Educação Joetsu. Tokumaru vê uma visão cristã da vida e da morte por trás da “educação sobre a preparação para a morte” defendida por Deeken. Em vez disso, ela propõe uma educação sobre a vida e a morte com base nas tradições religiosas e culturais japonesas. A palavra japonesa ” *Inochi*” simboliza essa orientação. Ela desenvolveu uma grande variedade de materiais didáticos que podem ser introduzidos na educação escolar, com base em experiências que são familiares aos alunos – por exemplo, o luto de um animal de estimação ou eventos tradicionais como os feriados Bon e Higan .

Outra é a “educação Inochi”, defendida por Taku Kondo. Ele é um psicólogo clínico que trabalhou como conselheiro escolar por um longo período de tempo. Com base em suas experiências, o objetivo de sua “Educação Inochi” é “ajudar as crianças a confirmarem para si mesmas que suas vidas são preciosas e insubstituíveis, e que lhes é permitido viver incondicionalmente”. Nessa prática, ele introduz o trabalho de ouvir os batimentos cardíacos uns dos outros usando um estetoscópio e o trabalho com cartões de autoestima.

Tanto nos programas educacionais da Associação Hyogo para Reflexão sobre Vida e Morte quanto no programa de Tokumaru, a política é aprender a importância da “vida” a partir da “morte” e nutrir o “poder de viver”. Em contraste, o programa de Kondo recomenda que você promova o “poder de viver” por meio do aumento da autoestima básica. Em vez de fazer com que os alunos reflitam sobre a “questão negativa da morte”, o programa promove a educação sobre a vida por meio da experiência de sentir “Inochi” juntos.

Além disso, Toshihiko Fujii, professor da Faculdade de Educação da Universidade de Hiroshima, está promovendo a “educação para a vida” como parte da educação para a paz. Na End-of-Life Care Association, o médico de cuidados paliativos Taketoshi Ozawa, que atua como diretor representante, está conduzindo “lições de vida para cultivar um coração resiliente” em escolas e empresas. Embora os currículos das escolas de medicina no Japão incluam disciplinas como “ética médica” e “bioética”, e as faculdades de enfermagem e escolas de enfermagem profissionalizante incluam “ética de enfermagem” e “bioética”, as práticas educacionais que enfocam especificamente o tema “morte” permanecem limitadas.

Esforços nas comunidades locais e na sociedade civil

Desde o início do século XXI, o governo japonês tem promovido o atendimento médico e de

enfermagem domiciliar, e os governos locais têm oferecido vários programas para sistemas de atendimento comunitário abrangente. Nos centros de cuidados comunitários abrangentes, são oferecidos moradia, assistência médica, cuidados de enfermagem, prevenção, educação e apoio para uma vida diária saudável, para que os idosos possam continuar a viver suas próprias vidas em suas comunidades familiares até o fim de suas vidas.

O Death Cafe, que teve origem na Europa, também está se espalhando no Japão. Mais de 20 Death Cafés estão ativos em Tóquio, Yokohama, Kyoto e em outros lugares, bem como on-line. Juntamente com esses esforços, os cafés Shiseigaku – que enfatizam a "exploração por meio do diálogo" – também estão ativamente envolvidos. O primeiro café Shiseigaku teve início na cidade de Shizuoka em 2015 e, desde 2022 em Fukuoka e a partir de 2025 em Fukushima, eles vêm promovendo práticas baseadas no diálogo com o objetivo de "aprender a viver com a morte" e a "perda". Além disso, desde 2024, um evento chamado *Festival da Morte* (*Death Fes*) foi realizado em Shibuya, Tóquio. O número de participantes chegou a aproximadamente 2.000 em seu primeiro ano (2024) e 4.200 em seu segundo ano (2025). Por fim, a organização *Compaixão e Diálogo* hospeda um programa on-line intitulado *Série de Palestras sobre Cidades e Comunidades Compassivas*que oferece aprendizado e diálogo centrados nos temas "morte" e "perda".

Livros de referência (todos em japonês)

- Higuchi, Kazuhiko & Hirayama, Masami (Eds.). (1985). *Educação sobre a vida e a morte: Uma introdução à educação sobre a morte*. Sogensha.
- Deeken, Alphons. (1996). *Como enfrentar a morte*. Biblioteca da NHK. (Link da Amazon)
- Kawagoe, Atsushi. (1996). *Para aqueles que estão iniciando os cuidados paliativos domiciliares*. Igaku-Shoin.
- Deeken, Alphons. (2001). *Educação sobre a vida e a morte*. Iwanami Shoten. (Link da Amazon)
- Furuta, Haruhiko. (2002). *A prática da "educação para a vida e a morte": Enfocando o currículo da Associação Hyogo para a reflexão sobre a vida e a morte*. Shimizu Shoin.
- Kondo, Taku (Ed.). (2007). *Teoria e prática da educação Inochi*. Kaneko Shobo.
- Tokumaru, Sadako (Ed.). (2008). *Desvendando a "Educação Inochi": O Japão e o mundo*. Gendai Tosho.
- Shimazono, Susumu & Takeuchi, Seiichi (Eds.). (2008). *Tanatologia 1: O que é tanatologia?* Editora da Universidade de Tóquio.
- Okabe, Kakeshi & Takenouchi, Hirobumi (Eds.). (2009). *Como viver e como morrer: construindo a tanatologia a partir do campo*. Porano Publishing.
- Takenouchi, Hirobumi. (2023). *Aprendendo a conviver com a morte: A filosofia dos mortais* (2ª ed.). Editora Porano.

Escrito por Hirobumi Takenouchi, professor da Universidade de Shizuoka, com Chisato Masuda, maio de 2025

Observações:

Inochi: A palavra japonesa “inochi” tem uma variedade de significados, incluindo vida, duração, tempo de vida, destino, confiança exclusiva e a coisa mais importante. Etimologicamente, assim como a palavra inglesa “spirit” (espírito), ela está intimamente relacionada à respiração (“iki” em japonês). A palavra “vida” tem uma amplitude conceitual que não se limita a uma vida individual, e é uma palavra que vê a vida humana em termos da interconexão de todos os seres vivos.

Bon (Obon): Feriado budista em meados de agosto em que as famílias homenageiam os espíritos de seus antepassados, que se acredita voltarem para casa nessa época. As pessoas visitam túmulos, oferecem comida e participam de danças tradicionais.

Higan: Observado durante os equinócios de primavera e outono, o Higan é uma época para visitar túmulos e realizar um serviço memorial para os mortos.

A Plenna não assume qualquer responsabilidade ou obrigação por este conteúdo. Não podemos garantir a exatidão das informações fornecidas por outras entidades, nem somos responsáveis pelo uso que você fizer das informações contidas ou vinculadas a qualquer material.

Date: 2025-07-02